

Introdução

Renato da Gama-Rosa Costa
Alexandre Jose de Souza Pessoas

Benedito Tadeu de Oliveira (coord.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, R. G. R., and PESSOA, A. J. S. Introdução. In.: *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos* [online].
Coordinator Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 14-19. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-113-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081136.0003>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

Historicamente o processo de formação e ocupação do *campus* de Manguinhos, que acompanha a evolução institucional da Fundação Oswaldo Cruz, pode ser agrupado em três períodos distintos que têm como arquitetura predominante, respectivamente: no primeiro o ecletismo, no segundo o modernismo e no terceiro, que ainda prossegue, a arquitetura contemporânea caracterizada pela variedade de expressões arquitetônicas.

O primeiro período compreende a origem do Instituto Soroterápico Federal com o Barão de Pedro Affonso no governo de Campos Sales (1898-1902), as grandes transformações promovidas no Instituto a partir do governo Rodrigues Alves (1902-1906) por Oswaldo Cruz, que o moderniza e consolida, assinalando a época de maior prestígio da Instituição. Esse período abrange também a gestão de Carlos Chagas, iniciada no governo Venceslau Brás (1914-1918), ainda na República Velha, e concluída em 1934, bem como a gestão de Cardoso Fontes em pleno Estado Novo, quando o Instituto Oswaldo Cruz vive a sua primeira fase de declínio.

Nesse período, que corresponde basicamente às quatro primeiras décadas do século XX, predomina em seu início, nas obras oficiais e nas soluções urbanísticas brasileiras, o ecletismo de matriz européia, adotado pela República como linguagem mais apropriada a sua afirmação. As tendências do ecletismo tornaram-se expressivas no Brasil a partir do último quartel do século XIX e prolongaram-se pelo século XX, paralelamente às novas tendências da arte nacional, que tem a Semana de Arte Moderna de 1922 como seu marco principal. As correntes mais representativas do ecletismo são: os estilos classicizantes, adotados pelos prédios públicos; os estilos pitorescos regionais das casas particulares, adotadas de acordo com o gosto dos proprietários; o *Art Nouveau*, além do Neocolonial ou Tradicionalista, surgido a partir de 1920 com o movimento que busca soluções nacionais, contestando nossa dependência cultural nas áreas da arquitetura e do urbanismo. O conjunto arquitetônico

histórico de Manguinhos, edificado por iniciativa de Oswaldo Cruz durante as grandes transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro na gestão do prefeito Pereira Passos, utiliza materiais, sistemas construtivos e repertório formal da arquitetura eclética, com ornamentação mourisca. Adotou-se, portanto, o estilo vigente na época, embora com uma roupagem exótica, talvez com o objetivo de sensibilizar o imaginário popular. Os motivos da escolha do Neomourisco continuam até hoje incertos.

Nas primeiras décadas do século XX, aconteceram nos países industrializados grandes transformações nos espaços arquitetônicos, devidas aos novos materiais, métodos e soluções construtivas adotadas nas edificações. São iniciativas pioneiras e representativas dessa época a *Bauhaus* e a atuação dos arquitetos Walter Gropius e Mies Van der Rohe na Alemanha, além das obras da 'escola' de Chicago e do arquiteto Frank Lloyd Wright, nos Estados Unidos da América. Em 1925, em São Paulo, Gregori Warchavchik – arquiteto racionalista ucraniano de formação italiana – publica o *Manifesto da Arquitetura Moderna*. A crise de 1929 (o primeiro surto de industrialização), a revolução de 1930 e o fim da República Velha deram origem a um processo de renovação das idéias vigentes. Em 1929 passou pelo Brasil o arquiteto franco-suíço Le Corbusier, um dos mestres do movimento internacional da arquitetura moderna. Na década de 30, ocorre a difusão dos ideais modernistas no Brasil, tendo como fatos relevantes a iniciativa de Lúcio Costa de reformular o ensino de arquitetura na Escola de Belas Artes (1930/1931), com o apoio de Rodrigo Mello Franco de Andrade e a construção, a partir de 1936, do edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde. O edifício, considerado marco da arquitetura moderna mundial, foi projetado por uma equipe de jovens arquitetos modernistas liderados por Lúcio Costa. Fizeram parte dessa equipe Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Oscar Niemeyer e Ernani Vasconcelos. Le Corbusier deu orientações no desenvolvimento da concepção adotada e participou das discussões após a elaboração do anteprojeto. Nos anos seguintes surgiu no Brasil um conjunto de obras modernas notáveis e de grande valor arquitetônico. Mais tarde o modernismo foi adotado como linguagem arquitetônica das obras oficiais.

No segundo período da ocupação do *campus* de Manguinhos, iniciado na gestão de Henrique Aragão (1942-1949) na direção do IOC, aconteceu a implantação dos primeiros edifícios modernistas do Instituto, projetados por arquitetos da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde. São edifícios representativos do período áureo da arquitetura moderna brasileira. Foi na década de 40, em pleno regime totalitário e durante a Segunda Guerra Mundial, que ocorreu a consolidação do movimento moderno no País e a busca de uma linguagem arquitetônica própria, por meio da conciliação dos princípios racionalistas europeus com características oriundas da arquitetura do período colonial brasileiro, considerada pelos modernistas a mais autêntica manifestação artística nacional. Os empreendimentos arquitetônicos da gestão de Henrique Aragão na década de 40, bem como os de seus sucessores na década de 50 estavam, portanto, perfeitamente consonantes com a vanguarda da arquitetura da época. A partir do início dos anos 60, a busca do caminho próprio na arquitetura brasileira deu lugar a uma produção em massa, mais preocupada com os lucros imobiliários do que com a qualidade arquitetônica. Em Manguinhos os edifícios modernos implantados a partir da década de 60, com raras exceções, também atestam a perda da qualidade da arquitetura brasileira, fato agravado pela diversidade das propostas arquitetônicas provenientes de outras instituições do Ministério da Saúde. No plano nacional, a especulação imobiliária nas grandes cidades se intensificou, através da substituição das arquiteturas dos períodos neoclássico, eclético e até mesmo modernista por edifícios de grandes dimensões. É a época também da verticalização acelerada das áreas centrais, das cirurgias urbanas e das grandes obras viárias, ao lado do crescimento desordenado das cidades.

O terceiro período pode ter seu início estabelecido, quando da recuperação física do *campus* de Manguinhos, na gestão de Vinícius da Fonseca (1975-1979), durante o governo Ernesto Geisel (1974-1980), ainda no regime militar. Na segunda metade dos anos 70, a Fiocruz abrigava um conglomerado de edificações de unidades heterogêneas e independentes, implantadas sem nenhum planejamento global, e o *campus* de Manguinhos atingiu o seu momento de maior degradação física. Com a retomada do processo democrático

no País, assumiu a presidência da Fiocruz o médico-sanitarista Sergio Arouca (1985-1989), dando início ao processo de democratização e de soerguimento da Instituição. Nas gestões seguintes, prosseguiu o processo de recuperação e de ampliação institucional, que acarretou um grande adensamento físico no *campus* de Manguinhos. Esse adensamento ocorreu por meio de uma diversidade de expressões arquitetônicas, sem, contudo, adotar plenamente os instrumentos de ordenação e de planejamento urbano. No plano nacional desenvolveram-se novas tendências na arquitetura, desde a busca dos valores do período modernista até a importação de tendências da produção arquitetônica internacional, como o pós-modernismo. Coincidindo com a crise econômica das décadas de 80 e 90, surgem iniciativas importantes de recuperação e de preservação do patrimônio cultural urbano em algumas cidades brasileiras. Em Manguinhos, na gestão de Sergio Arouca, foi criada em 1986 a Casa de Oswaldo Cruz (COC), um centro de pesquisa e informação dedicado à memória e à história das ciências biomédicas e da saúde pública. A partir da criação da COC, foram desenvolvidas importantes ações de restauro, conservação, valorização, bem como divulgação do patrimônio histórico, cultural e ambiental da Fundação Oswaldo Cruz.

Como visto, o processo de formação e ocupação do *campus* de Manguinhos pode ser agrupado historicamente em três períodos distintos, contudo optou-se, para melhor detalhamento e entendimento do processo, recolher, reunir e tratar as informações por décadas. Adotou-se a metodologia de pesquisa denominada 'sedimentação histórica' pelo ex-professor da Universidade de Brasília, Muhdi Koosah, ou 'estratificação histórica' pelo professor Enrico Guidoni, da Universidade de Roma, por se tratar de um método que procura visualizar, em períodos regulares, as diversas fases de uma edificação ou de uma área urbana ao longo do tempo. Foram feitas 11 reconstituições do *campus* de Manguinhos, delimitando as dez décadas do século XX. Todas as reconstituições tiveram como ponto de partida o Levantamento Aerofotogramétrico Digital executado em 1999 pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. Esse levantamento da Prefeitura do Rio de Janeiro é o mais completo e preciso realizado até hoje. O trabalho de reconstituição foi complementado com diversos outros mapas, das mais variadas procedências.

A pesquisa revelou uma série de dificuldades para resgatar a história da participação dos construtores de Manguinhos, entre arquitetos, urbanistas, engenheiros, paisagistas ou mesmo cientistas, pesquisadores e administradores do Instituto, normalmente estudados, todavia nem sempre sob esse ponto de vista. Não havia, por parte da Instituição, preocupação em registrar os nomes dos autores dos projetos nem as datas de construção das edificações. As informações sobre esse assunto estavam dispersas, e não existiam publicações que descrevessem a evolução do espaço físico do *campus* de Manguinhos de forma sistematizada.

No estudo arquitetônico e urbanístico utilizaram-se fontes indiretas, através da pesquisa bibliográfica e iconográfica, de arquivos de manuscritos e de história oral, além da pesquisa direta, por meio da observação *in loco* dos edifícios e dos espaços urbanos e paisagísticos do *campus* de Manguinhos.

No início da pesquisa eram poucos os edifícios que possuíam dados precisos, e a grande maioria deles surgia com informações aproximadas por década e sem autoria. Os dados mais completos continuavam sendo os do início do século XX, com farta documentação e estudos, assim como os mais atuais (posteriores à década de 80), registrados em depoimentos do corpo técnico ainda atuante e pela nossa própria vivência na Instituição, desde 1987.

Foi depois que a Diretoria de Administração do *Campus* (Dirac), por intermédio do setor de reprografia, teve a preocupação de salvar o arquivo das plantas em desuso, que muitas descobertas foram feitas, e plantas do período compreendido entre 1930 e 1980 foram reveladas aos nossos olhos pela primeira vez, ampliando o universo de informações.

A pesquisa estendeu-se a arquivos externos à Fiocruz e resultou na descoberta de imagens inéditas para a Instituição. De suma importância foi o contato com os antigos arquitetos que trabalharam para Manguinhos entre 1940 e 1970: Floroaldo Albano, Jorge Ferreira, Olenka Freire Greve e Roberto Nadalutti.

Hoje concluímos que os dados reunidos oferecem uma visão, senão completa, ao menos bastante aproximada de como se deu a formação e ocupação do *campus* durante

o primeiro século de existência da Fundação Oswaldo Cruz, conferindo maior precisão para informações antes vagas, descobrindo arquitetos e construtores antes desconhecidos, além de possibilitar a valorização e a divulgação de sua arquitetura.

Assim, mesmo entendendo a relação direta entre a evolução do espaço e a evolução da Instituição, procurou-se primordialmente descrever em linhas gerais e revelar os seguintes aspectos da conformação do *campus* de Manguinhos: preexistência do lugar; meios econômicos e técnicos empregados na construção dos edifícios; motivações, programas e destinações de uso dos edifícios; limites e condicionantes econômicos, físicos e conceituais dos edifícios; os gestores, suas idéias e programas; os arquitetos, suas formações, produções e métodos; escritórios de arquitetura, contratados e modalidades de licitação das obras; o entorno ambiental nas diversas épocas; relações físicas, funcionais e visuais com a cidade do Rio de Janeiro.